

Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no século XIX

The role of Manuela Sáenz in the Liberation Wars of Gran Colombia in the Nineteenth Century

Rev. Bra. Est. Def. v. 3, n° 1, jan./jun. 2016, p. 153-173
ISSN 2358-3932

EMANUELLA OLIVEIRA
MÔNICA MARTINS

INTRODUÇÃO¹

Na história oficial, escutamos falar de heróis, sendo raras as menções às heroínas. Em uma aula sobre teoria das nações foi apresentado por um aluno o estudo da Grã-Colômbia,² tendo como personagem Bolívar (Souza 2007); na ocasião, a professora da disciplina mencionou Manuela Sáenz, uma mulher quitenha que teve a ousadia de participar das atividades políticas e militares da independência de sua nação quando lhe disseram que, no máximo, poderia colaborar.

O presente trabalho aborda algumas das contribuições para a construção da Grã-Colômbia desta ativista sul-americana, mas da qual pouco se ouve falar no Brasil. Para efeito, ampliamos as investigações para o Equador e a Colômbia, mediante visitas a bibliotecas, livrarias, universidades e museus. Examinamos diversos artigos científicos, romances, diários e biografias, tendo como referencial o materialismo histórico dialético de Karl Marx (1983), de modo a melhor compreender o processo social que possibilitou o surgimento de tão importante figura na história da América colonial. De acordo com sua concepção, as relações de produção condicionam o desenvolvimento da vida social, política e intelectual, constituindo a base concreta mediante a qual o indivíduo toma consciência dos conflitos que permeiam sua existência.

Nossas reflexões sobre a nação se alicerçam nos estudos inovadores de Benedict Anderson (2008), que a denominou de “comunidade imagi-

Emanuella Oliveira – Graduada em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: emanuella-so@hotmail.com.

Mônica Martins – Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e professora da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: maricotam.martins@gmail.com.

nada”. Abandonando interpretações clássicas ao tratar da emergência do nacionalismo, assinalou que suas origens se encontram nas Américas; no transcurso das guerras de independência, a pregação patriótica dos “pioneiros crioulos” fundamenta a constituição das nascentes repúblicas. Para discutir o papel da mulher na sociedade colonial do século XIX, buscamos apoio teórico na literatura especializada que analisa o patriarcado. Heleieth Saffioti (2004) atribuiu especial relevo a este conceito, percebendo que a divisão entre as esferas pública e privada assenta na justificativa de superioridade biológica do homem como forma de converter a diferença sexual em diferença política, legitimando a desigualdade de gênero. Assim, buscamos evitar o senso comum e os mitos em torno de Manuela Sáenz.

A pesquisa exploratória ocorreu no Museu Manuela Sáenz em Quito e Bogotá que, além de livros e objetos pessoais, guarda grande parte da sua correspondência com Simon Bolívar; nas principais livrarias e bibliotecas de Medellín e Bogotá, ocasião em que foram feitos contatos com estudiosos e tiradas fotos de acervos raros; em bibliotecas locais e na internet. O exame do valioso material colhido fez perceber o quanto são contraditórias as informações sobre Manuela, sua luta, seu pensamento e o que fez pela libertação da Grã-Colômbia.

Este artigo está organizado em três partes, além da presente introdução e as considerações finais. Inicialmente, descrevemos o contexto sócio-político e cultural em que Manuela atua, buscando identificar os elementos que levaram Manuela Sáenz a ser uma revolucionária. A seguir, exploramos a trajetória desta mulher culta e conhecedora das estratégias militares, que ingressou nas forças armadas revolucionárias e conquistou o título de coronel, deixando sua marca na construção da Grã-Colômbia. Prosseguimos com uma análise crítica dos mitos criados sobre a personagem e as disputas por sua memória. Na conclusão, apontamos que, em um processo predominantemente masculino, como são estes processos revolucionários e as lutas emancipatórias como no caso estudado da Grã-Colômbia, Manuela Sáenz ocupa lugar de destaque. Afinal, uma revolucionária não surge apenas de características inatas ou de oportunidades, mas se forja nas lutas.

Mas quem era realmente esta mulher? Qual o seu protagonismo nas guerras de independência? Por longo tempo sua atividade política foi esquecida nos livros de história, sendo lembrada, sobretudo, como amante do “libertador” Simón Bolívar. Recentemente, começam a aparecer romances e estudos que, ora elogiando ora criticando, narram a trajetória desta polêmica personagem.

COMO SE FORJOU UMA REVOLUCIONÁRIA

Manuela nasceu em dezembro de 1795. Simón Sáenz, seu pai, era governador da cidade de Quito e casado com Juana Maria Campo, com quem teve quatro filhos. Sua mãe, Joaquina Aizpuru, pertencia a uma família rica de Quito e morreu quando a filha era muito pequena. É importante ressaltar esse aspecto da vida de Manuela Sáenz, pois embora seus pais fossem ricos, ainda assim era mal vista pela sociedade por ser concebida fora do casamento (Cacua Prada 2012).

Marcada como “hija ‘ilegítima’ desde su nacimiento, pues éste fue resultado de los amores prohibidos de doña Juaquina Aizpuru, joven soltera de noble cuna, con don Simón Sáenz, español y regidor de Quito, casado con doña Juana María del Campo Larrahondo y Urrutia, en Popayán, Nuevo Reino de Granada, residente en Quito” (López 2008: 69).

Ella enfrenta desde la cuna el drama de la vida, su madre doña Joaquina Aizpuru muere el 25 de enero de 1796, según consta en la partida rubricada por Máximo Parra en el libro de Defunciones N° 6, folio 15 de la parroquia ‘El Sagrario’ (Saá 2008: 21).

Crianças consideradas bastardas advindas de classe alta eram entregues aos conventos, onde aprenderiam o que havia de melhor no ensino da época, pois era costume oferecer às mulheres da elite uma boa educação. Desta forma, ainda nos primeiros anos de sua vida Manuela foi encaminhada ao convento de freiras carmelitas em Santa Catalina, aprendendo as primeiras letras e afazeres artesanais. Depois continuou sua infância sob os cuidados paternos: teve contato com seus irmãos e brincava com as escravas Jonathás e Nathán. Sua madrasta lhe devotava muito carinho e é mencionada nos diários de Manuela com grande afeição. Prosseguiu seus estudos com a freira Tereza Salas, tendo acesso aos clássicos gregos e latinos. Herdou elementos da cultura espanhola, já que sua família paterna descendia de espanhóis, e também, no convívio com negros e indígenas, aprendeu sobre essas duas culturas. Reconhecendo sua inteligência e perspicácia, o pai a levava em viagens de negócios. Isso e, em especial, seu desempenho nos estudos aos quais era muito dedicada, permitiram que Manuela adquirisse uma ampla visão de mundo e, sem dúvida, lhe ajudaram a desenvolver ideias próprias na construção do que viria a ser a Grã-Colômbia (Saá 2008).

Ao lado da família materna, Manuela passava períodos na fazenda Catahuango, propriedade de seu tio, o sacerdote Domingo Aizpuru, com

quem aprendeu a conhecer o campo e montar a cavalo, sua principal diversão. Sem dúvida, essa sua destreza foi bastante útil para sua participação na guerra de independência da Grã-Colômbia, uma vez que saber cavalgar era essencial, por ser a forma mais rápida de locomoção terrestre.

Durante la pubertad, Manuela pasa gran parte del tiempo en la hacienda Catahuango, propriedade de su tío Domingo Aizpuru, clérigo y cura de Yaruquí; está siempre acompañada de sus fieles e inseparables sirvientas, Nathán y Jonathás, y su principal distracción en esa época fue montar a caballo por las vastas extensiones de lomas y prados, donde adquirió um gran dominio del difícil arte la jineta, al mejor estilo masculino. Esa habilidade la pondrá de manifiesto cuando se incorpore al ejército patriota. (Saá 2008: 23).

Aos quinze anos Manuela sofreu um grande baque emocional, ao tomar conhecimento do assassinato, pelo exército Real Espanhol de Lima, dos primeiros patriotas que se organizavam em Quito pela libertação da América. Eram crioulos, filhos de espanhóis nascidos na América, e mestiços, filhos de espanhóis com índias, os principais líderes do movimento separatista da metrópole, que tiveram as cabeças cortadas e expostas no intuito de intimidar a população. O acontecimento serviu de estímulo para Manuela participar da causa da independência, devido tanto à sua condição de crioula quanto à forma terrível de exposição a que foram submetidos os cadáveres dos revolucionários. Como ela, outras mulheres e jovens passaram a compor a frente anticolonial. Nesse período, começa a se reunir em segredo com patriotas quitenhos. Uma das que mais se empenhou no trabalho da independência, inicialmente, Manuela colava cartazes pelas ruas e quartéis, levava escondida sob suas roupas a propaganda revolucionária. Conciliava essas atividades políticas com outra tarefa: a de se tornar uma dama da sociedade. Aprender a colher informações, a se manter sempre atenta, a dissimular e usar de simpatia, de maneira geral, a ser uma boa informante. As críticas que Manuela faz à sociedade da época, repleta de refino, preconceitos e hipocrisia, lhe impedem de se reconhecer como pertencendo à mesma (Saá 2008)

Além deste fato brutal, houve outras influências decisivas para Manuela Sáenz participar das guerras independentistas. Entre as mulheres que a influenciaram podemos citar: Manuela Espejo, irmã do precursor Eugenio Espejo; Manuela Cañizares, cuja casa era local das reuniões dos revolucionários; Josefa Tinajero; Mariana Matheu de Ascásubia, a mais destacada escritora da colônia na época; Maria Ontaneda y Larrayn; Antonia Salinas; Josefa Escarcha; Rosa Zárate, heroína e mártir; Maria de la Veja; Rosa Montúfar y Larrea; Maria de la Cruz Vieyra. Essas mulheres tomaram

parte da primeira tentativa da luta por independência de Quito que aconteceu entre 1809 e 1810. Algumas foram decapitadas, como no caso de Rosa Záret, que participou do assassinato do Conde Ruiz de Castilla e era vista como um perigo para a realeza espanhola. Seu irmão, José Maria Sáenz, de quem ela era muito próxima, também a incentivava a participar da revolução patriota, segundo observa Cecilia Méndez Mora (2009).

No decorrer de sua infância e adolescência Manuela foi adquirindo conhecimentos e habilidades que a tornaram capaz de planejar e construir o que seria a Grã-Colômbia. Claro que não estava sozinha em seu sonho e sua luta. Acreditava na possibilidade de uma América do Sul livre dos colonizadores e que se desenvolveria a partir da pátria do Libertador; de uma nação unida que respeitasse as diversidades e tivesse um Estado com seus interesses voltados para as pessoas que nele viviam.

TRAJETÓRIA POLÍTICA E MILITAR DE MANUELA SÁENZ

Fruto de sua participação nas guerras de libertação colonial, em particular, na independência do Peru, Manuela foi condecorada com o título “Orden do Sol do Perú”, entregue por San Martin. Ela foi morar neste país após seu casamento com um próspero comerciante inglês, James Thorne y Wardlor que tinha o dobro de sua idade, em 27 de julho de 1817, arranjado por seu pai. Nesse período tinha 22 anos de idade e, em Lima, onde residia, conheceu Rosa Campuzano, guayaquilenha revolucionária que ajudava na luta do Peru. Logo ficaram amigas e ambas se comprometeram com as tarefas da independência. Nas festas realizadas por Rosa, da qual participavam soldados espanhóis e famílias da sociedade limenha, Manuela utilizava seu sobrenome para conversar e obter informações relevantes ao exército patriótico (espionagem), além de fazer propaganda sobre a necessidade da independência. Dessa forma, conseguiu a adesão do batalhão Numancia, do qual participava seu irmão José Maria. Em 11 de janeiro de 1822, após a independência do Peru, o general José de San Martin, com assessoramento do ministro Don Bernardo Monteagudo, expediu o decreto que criou a condecoração Cavaleira do Sol, entregue a 144 mulheres que atuaram intensamente no processo de libertação, entre elas as amigas Rosa Campuzano e Manuela Sáenz y Aizpuru, a que mais destaque alcançou. Esta manteve contato com Don Bernardo Monteagudo, trocando ideias sobre os projetos de independência para a América do Sul, em que visavam uma nação unida e soberana, ante os colonizadores e os Estados Unidos (Valcárcel 2005).

Manuela volta a Quito em 1822 para reclamar a herança de sua mãe e de seu avô materno. Essa ocasião marcou sua separação do marido e o início da amizade, que irá durar por toda a vida, com um dos mais im-

portantes oficiais do exército libertador: o general Antônio José de Sucre. Acompanhada de suas duas companheiras, Manuela engaja-se na batalha de Pichincha,³ que ocorre em 24 de maio de 1822 cumprindo tarefas de apoio logístico e humanitário, a exemplo da doação de mulas e dinheiro para compra de apetrechos militares. Nessa batalha também luta seu irmão José Maria, que combatia sob as ordens do general Sucre. Manuela não pode pegar em armas, pois não tinha a autorização do pai ou do marido. Uma frase que demonstra bem sua participação nesse combate é: “Não espero que me paguem, mas se este é o preço da liberdade, é um preço pequeno”.⁴ Vencida a batalha, Quito ficou independente e se preparava para receber Bolívar, que liderava o movimento da Grã-Colômbia. A cidade estava entusiasmada com a presença do Libertador. Em 16 de junho de 1822, Bolívar chegou a Quito para a comemoração da independência, ocasião em que conhece Manuela, com quem dançou a noite toda, tendo se apaixonado à primeira vista (Saá 2008).

Simón Bolívar ficou impressionado com os conhecimentos de Manuela sobre a cultura latina e grega, mas, sobretudo, com suas ideias políticas. Após ela ter colaborado para conter uma sublevação em Quito, foi convidada por Bolívar a cuidar de seus arquivos da campanha do Sul (construção da Grã-Colômbia) e seus papéis pessoais no Peru (Saá 2008). Por sua permanente dedicação e seu trabalho a serviço da causa da independência, Manuela vai subindo gradualmente as patentes militares de Húsar, Capitã de Húsares e Tenente de Húsares (López 2008). Faz valer todas suas habilidades quando Bolívar lhe pede conselhos sobre o porto de Guayaquil. Manuela analisa o conflito entre Peru e Grã-Colômbia, mostrando a importância do porto no âmbito cultural e comercial para a nova nação e conclui com a seguinte recomendação a Bolívar:

Vaya usted en persona e impresione a esos indecisos, acójalos bajo su protección de la República de Colombia y encárquese usted mismo del mando militar y político de ese puerto y su provincia (Valcárcel 2005: 114; Saá 2008: 27).

Essa é a estratégia executada por Bolívar ao anexar o porto a Quito, como forma de diminuir as disparidades internas da nação, colocando que Guayaquil deveria pertencer a Grã-Colômbia e não a outro canto que não possuísse condições de formar uma nação separada como pretendia Guayaquil. Manuela também ajudou estrategicamente na criação da Bolívia, nação que possibilitou um maior equilíbrio de forças entre Peru, Argentina e Grã-Colômbia.

Bolívar, en comunicaci3n de enero 2 de 1822 a Jos3 Joaqu3n de Olmedo, le disse: “[...] Usted sabe mi amigo que una ciudad con un

río puede formar una nación. Que tal absurdo sería un señalamiento de un campo de batalla para dos estados belicosos que lo rodean [...] me he determinado a no entrar a Guayaquil sino después de ver tremolar la bandera de Colombia [...] Colombia no permitirá jamás que ningún poder de América impere en su territorio” (Saá 2008: 27).

Essa revolucionária mostrou seu valor e sua capacidade ao descobrir e desarticular traições ao movimento de independência da Grã-Colômbia. Santander, na tentativa de tirar Bolívar da presidência, não envia o reforço requerido, com intenção de demonstrar que Bolívar agia conforme sua vontade e, mesmo sem autorização do Governo, ajuda na independência do Peru. Manuela descobre uma carta de Santander comprovando sua traição:

[...] dejemos que el Libertador se pase al extranjero, al Perú sin autorización, a fin de cuentas hace lo que le da la gana. Así será cómo el Congreso podrá librarse de él de esa astuta mujer que es su compañera fiel; no le enviaremos tropas ni pertrechos, se joderá la cosa y no sabrá qué hacerya; sin gobierno ni mando (Mora 2009: 90).

Bolívar tinha consciência que Paula de Santander, Padilla e Páez, o chamado grupo dos “P”, eram os principais responsáveis pelas traições que se intensificavam, entre os anos de 1826 e 1830. Ele solicitou ao Congresso poderes para resolver essa situação, mas costumava resolver as questões problemáticas mediante o consenso e apenas em última instância apelava para a força. Santander foi afastado da vice-presidência e exilado. Manuela, com suas investigações, sabia o quanto esse grupo era perigoso e queria um pretexto para dividir a Grã-Colômbia. Ela tratava as traições como problema de Estado e fez uma declaração que ficou marcada na história: “que morram dez para salvar dez mil”,⁵ na qual expressava a importância de deter os traidores e assegurar a nação unida. Essas ações de Manuela indicam certo conhecimento territorial, político e de estratégia, mostrando que não era uma mera amante de Bolívar, mas que teve papel decisivo na construção da Grã-Colômbia (Mora 2009).

Manuela foi chamada por Bolívar a lutar na Batalha de Junín, que ocorreu em 1824. Porém, devido à demora na comunicação, à distância e à difícil viagem, só conseguiu chegar três dias depois da batalha e tratou de ajudar os feridos e enterrar os mortos. Mas Manuela conseguiu participar ativamente da Batalha de Ayacucho, que aconteceu em 1824, e com muita valentia incorporou-se desde o princípio ao batalhão Húzares, organizando e proporcionando suprimentos, atendendo combatentes feridos, enfrentando corpo a corpo os soldados espanhóis sob fogo inimigo, resgatando

feridos. Por isso, o general Sucre pede a Simón Bolívar que lhe conceda a condecoração de coronel do exército colombiano (López 2008).

Ayacucho, Frente de Batalla

Diciembre 10 de 1824

A S.E, el Libertador de Colombia

Simón Bolívar

Mi General

Tengo la satisfacción de participar a S.E. de los combates librados en Ayacucho que han servido para engrandecer las glorias de las armas colombianas, dando a S.E. los detalles de los sucesos que han precedido al triunfo de las divisiones a mi mando.

Se ha destacado particularmente Doña Manuela Sáenz por la valentia; incorporándose desde el primer momento a la división de Húsares y luego a la de Vencedores, organizando y proporcionando el avituallamiento de las tropas, atendiendo a los soldados heridos, batiéndose a tiro limpio bajo los fuegos enemigos; rescatando a los heridos.

La providencia nos ha favorecido demasiadamente en estos combates. Doña Manuela merece un homenaje en particular por su conducta; por lo que ruego a S.E. le otorgue el Grado de Coronel del Ejército Colombiano.

Dios guarde a su Excelencia,

A. J. de Sucre (Saá 2008: 141)

Manuela dedicou sua vida à guerra de independência da Grã-Colômbia, à idealização dessa nação: trabalhou com espionagem, agitação e propaganda; doou dinheiro para compra de equipamentos e comida; na luta armada liderou batalhões e adotou estratégias de combate; com sua acurada percepção, foi capaz de detectar problemas profundos na edificação do novo Estado nacional e tomar decisões pertinentes para resolvê-los, pois conhecia pontos de vista, condutas, atividades políticas de colaboradores próximos e mais distantes, não apenas de Bolívar, mas da Grã-Colômbia. Os principais conspiradores eram Santander e Córdoba na Colômbia, Páez na Venezuela, Torre Tagle, La Mar, Serra, Vidaure, Obando, López no Peru, entre outros generais descontentes com a ideia de república e de uma nação única. Manuela Sáenz era uma líder nata que defendia seus ideais, acabava com sublevações, desvendava traições. Preservar a história da Grã-Colômbia foi sua principal tarefa logo após a morte de Bolívar, a quem os inimigos tentavam apagar da memória, tratando-o como tirano.

Por isso, Manuela sofreu sérias consequências, sendo tratada como estrangeira e, após a morte de Bolívar, exilada (Mora 2009).

Findas as festividades de comemoração da batalha de Ayacucho, surgiram sublevações na Venezuela e no Peru, que visavam a separação da Grã-Colômbia. Bolívar seguiu para resolver a primeira questão e Manuela tentou acabar com as insurreições no Peru, mas acabou presa no convento e desterrada em Quito, junto com outros apoiadores da causa bolivariana. Ela mesma comunicou por carta o ocorrido a Bolívar em Guayaquil no mês de fevereiro de 1827; depois de resolver assuntos pendentes em Quito, partiu para Bogotá, ao encontro de Bolívar, que a aguardava. Ao chegar, tratou de organizar sua teia de espionagem e percebeu que os já citados conspiradores estavam tramando a desagregação da Grã-Colômbia, o que Bolívar se recusava a acreditar (Saá 2008).

Manuela se acomodou na quinta de Bolívar e realizou uma festa sem que este soubesse. Nessa festa, houve o fuzilamento de um boneco que retratava Santander, fato que causou um grande estranhamento na sociedade de Bogotá. Desde então, Bolívar não falava com Manuela, que passou a viver a meia quadra do Palácio de San Carlos, para não interferir em assuntos de Estado, sendo vedada sua entrada no palácio. Ela estava muito preocupada, pois descobriu que em todos os cantos se falava da possibilidade de atentado à vida de Bolívar. No período, Manuela salvou a vida de Simon Bolívar várias vezes, cabendo destaque à festa do Baile de Máscaras e a noite setembrina (López 2008; Valcárcel 2005).

No dia 10 de agosto de 1828 realizou-se um baile de máscaras em Bogotá, para o qual Bolívar foi convidado e Manuela não. O Libertador não reclamou sua presença devido ao ocorrido na sua quinta. Ela pedia para que ele não fosse ao baile não por capricho, mas por sua segurança, já que o baile de máscara seria uma boa oportunidade para atentar contra sua vida. Bolívar acreditava que sua insistência devia-se a um melindre, por não ter sido convidada. Mas Manuela tinha informações de que o atentado aconteceria às doze da noite. Então, durante o festejo, apareceu vestida com seu uniforme de húsar juntamente com suas escravas, porém o prefeito de Bogotá não permitiu sua entrada. Na mesma hora ela voltou à sua casa, vestiu-se de mendiga e retornou à festa, onde fez um escândalo; agindo como uma louca, exigiu ver o general Bolívar; que acabou saindo mais cedo e envergonhado do baile de máscaras, mas escapou de morte certa. Bolívar foi avisado pelo coronel Fergusson de todo o plano de seu assassinato, indo pedir desculpas a Manuela por não ter acreditado nos seus avisos (López 2008; Valcárcel, 2005).

A noite setembrina tem sido chamada assim por ter ocorrido em 25 de setembro de 1828, sendo um marco histórico do reconhecimento da bra-

vura de Manuela Sáenz, ocasião na qual salvou a vida de Bolívar de forma heroica. O chamado grupo dos “P”, junto com Bustamente, Córdoba, La Mar, Serra, Vidaurre, Torre Tagle, Obando e López, foram responsáveis por planejar e executar este atentado contra a vida de Bolívar. Essa noite começa com Bolívar chamando Manuela para vê-lo, mas ela diz não poder ir, pois estava com dor de cabeça. Bolívar, então, envia uma mensagem falando de seu padecimento e insistindo em sua visita. O casal ainda estava se recuperando do baile de máscaras, em que Bolívar não confiou nos avisos de Manuela. Por fim, esta foi atender o chamado. Manuela e Bolívar descansavam quando ela escutou um latido dos cachorros e um confronto, sem uso de armas de fogo para não fazer muito barulho; acordou Bolívar, que se apressou em abrir a porta e ver o ocorrido. Manuela o deteve por diversas vezes, pedindo-lhe para se vestir, lembrando certa vez na qual Bolívar comentara ser a janela uma ótima saída em momentos como esse. Então, recomendou-lhe pular. Bolívar fez uma primeira tentativa, no entanto, ela o impediu porque estavam passando pessoas, porém não teve tempo de lhe segurar, pois já estavam forçando a porta Carujo e outros conspiradores. Manuela ficou no quarto para dar tempo de Bolívar fugir (Valcárcel 2005).

Ao entrarem no quarto, seguraram Manuela e perguntaram-lhe onde estava Bolívar. Ela respondeu que ele estava em um conselho. Procuraram Bolívar em todo canto e não o encontraram, mas viram a janela aberta e perceberam sua fuga. Manuela voltou a afirmar que ele estava no conselho. Então, indagaram o porquê de a janela estar aberta e Manuela replicou dizendo ter escutado um barulho e aberto a janela na tentativa de ver o sucedido. Os invasores ficaram em dúvida e verificaram a cama ainda quente. Manuela argumentou estar deitada à espera de Bolívar. De nada adiantou pedirem-lhe para mostrar onde ficava o conselho. Os invasores ficaram enfadados e a arrastaram pela casa. Nesse momento, Manuela encontrou Ibarra ferido, preocupado em saber se haviam matado o Libertador, e pressionando seu ferimento com um pedaço de sua roupa, disse: o Libertador está vivo. Os invasores a conduziram para o local aonde a encontraram; ela levou junto o ferido, o deitou na cama de Bolívar. Deixaram sentinelas nas portas e janelas, saindo em seguida (Valcárcel 2005).

Manuela viu se aproximar o coronel Fergusson, que vinha às pressas lhe perguntar pelo Libertador. Ela lhe avisou para não entrar, pois iriam matá-lo. Ele disse: cumpriria seu dever mesmo lhe custando a vida. Pouco depois se ouviram tiros: Carujo, um dos que vigiavam, havia matado o coronel Fergusson. Em seguida, escutaram-se vozes na rua, as sentinelas foram embora e chegaram os generais Urdeneta, Herrán e outros perguntando do paradeiro de Bolívar, nem ela mesma sabia, naquela hora (Valcárcel 2005: 122-123). Quando Bolívar voltou, respaldado pelos demais patriotas

e encontrou Manuela, disse diante de todos que ela era a “libertadora do libertador” (López 2008; Valcárcel 2005). Este feito custou muito caro a Manuela, pois os invasores a derrubaram e deram pontapés em seu rosto deixando-a marcada por longo tempo, além de ter corrido sério risco de vida, posto que as pessoas que invadiram a casa poderiam tê-la matado (López 2008; Valcárcel 2005).

Nessa ocasião, Manuela recebeu ajuda de uma mulher, que descobriu rumores da morte de Bolívar e lhe avisou; assim, agindo perspicaz e corajosamente, salvou o Libertador. Ressalto a importância de por várias vezes Manuela ter protegido Bolívar, que simbolizava a independência da Grã-Colômbia, pois o matando também acabariam com a estrutura dessa nação. Desta forma, Manuela ficava atenta e disposta a dar sua vida para salvar a de Bolívar.

Las mujeres actuaban como informantes en todos los niveles de la sociedad, incluso a nivel del gobierno. Un ejemplo de como estas redes de espionaje afectaban a los altos jefes en el poder se manifestó el 25 de septiembre de 1828. Esta fecha generalmente se celebra por ser la noche en que Manuela Sáenz salvó la vida del Libertador, Simón Bolívar, enfrentando las tropas que procuraban asesinarle y dejándolo escapar por una ventana. Pero al conmemorar este acto valiente es fácil descuidar la obra de otras mujeres. La persona que avisó a Bolívar sobre el atentado contra su vida fue una mujer. Se presentó en el palácio, y reveló el complot con precisión y exactitud (Taxin 1999: 91).

O período de 1828 a 1830 foi marcado pelo acirramento das tensões políticas na consolidação da Grã-Colômbia. Manuela, Bolívar e Sucre tentavam fazer valer o esforço de construção da pátria grande, que muitos buscavam destruir com traições a esse projeto revolucionário, por não concordar com o mesmo. Parece claro que nem todos entendiam a separação da metrópole acompanhada pela instituição de uma nova forma de governo, a república, e não a monarquia. Quando a Venezuela se separa da Grã-Colômbia, Bolívar pede seu afastamento da presidência, pronunciando a célebre frase “para que minha permanência não seja um impedimento a felicidade dos meus companheiros”⁶ e se prepara para viajar rumo à Europa. Despede-se de amigos e de Manuela, que fica em Bogotá para deter os conspiradores, indo a cidade de Santa Marta. Manuela tinha certeza que Bolívar se recuperaria e voltaria triunfante para Bogotá. O casal planejava se encontrar em Santa Marta.

Una vez que el Congreso sella la separación de Venezuela y concluy el a discusión de la Carta Fundamental, Bolívar plantea su deseo de alejarse de Colombia “para que mi permanencia no sea un impedi-

mento a la felicidad de mis conciudadanos”, y empieza a hacer maletas para viajar hacia el Atlántico (López 2008: 78-79).

Em Bogotá, os traidores começam uma campanha de difamação de Bolívar e sua luta pela independência da Grã-Colômbia. Manuela se translada com suas companheiras da capital à Venezuela, para desmentir as calúnias. Encontra apoio dos povos venezuelano e colombiano, que promovem levantes pedindo a volta de Bolívar, e continua sua movimentação também apoiando as insurreições. Os presidente e vice-presidente da Colômbia se viram obrigados a entregar o governo para o general Urdaneta, que organizava as insurreições. No entanto, apesar dos apelos, Bolívar se recusou a voltar para o governo da Grã-Colômbia, por estar descrente e muito doente. Em 17 de dezembro de 1830 faleceu Bolívar, vítima de pneumonia na casa de San Pedro Alejandrino.

En Colombia empieza una campaña para desprestigiar a Bolívar y destruir su memoria y Manuela con sus esclavas se enfrenta a quienes se burlan del Libertador. De pronto los pueblos venezolano y colombiano se levantan en diversas partes en apoyo a Bolívar. Manuela se mueve de un lado a otro, apoyando la insurrección. El presidente Mosquera y el vicepresidente Caicedo se ven obligados a dimitir y entregar el poder al general Urdaneta que comanda la revolución. Le piden a Bolívar que vuelva a Bogotá y se haga cargo del poder, pero él se niega terminantemente, está desencantado de todo y muy cerca del final, que se produce el 17 de diciembre de 1930 (López 2008: 79).

Com a morte do Libertador, se tornou quase impossível manter a nação unida, e os traidores começaram uma onda de eliminação de todos os que trabalharam para construir a Grã-Colômbia. As condições ficaram ainda mais desfavoráveis, quando Urdaneta morreu em maio de 1831 e, no mês seguinte, mataram Antônio José de Sucre. Em seguida, Manuela começou a ser pressionada pelo governo, que pediu os arquivos do Libertador, tendo Manuela se recusado a entregar. Deste modo se intensificaram as perseguições a essa mulher e foi se desfazendo a nação sonhada por Bolívar. Nesse período, foi nomeado presidente da Grã-Colômbia José María Obando, que suspende as graduações dos militares e oficiais que tinham sido eleitos no congresso de 1830 e representavam o governo, o qual se tornou uma ditadura. Obando retirou também a graduação militar de Manuela Sáenz, que sobrevivia dessa pensão, pois sua herança havia sido gasta no financiamento da independência da Grã-Colômbia e não tinha direito a seu dote por ter abandonado o marido. Tudo isso acarretaria em sérias dificuldades financeiras (López 2008; Valcárcel 2005).

O novo congresso permitiu o retorno de Santander, o maior inimigo de Manuela. O ano de 1833 foi marcado pelas insurreições contra o novo governo instalado e continuou a perseguir Manuela que, com o passar do tempo, se encontrava com menos recursos. Em 1834, recebeu ordem de expulsão de Bogotá, a qual recusou, acabando presa e exilada para a Jamaica, junto com suas companheiras. Nos dias em que ficou encarcerada recebeu apoio de movimentos sociais, como as mulheres liberais e “patriotas de coração”. As primeiras escreveram uma carta em sua defesa, denominada “El bello sexo”, na qual argumentavam que não era crime sair nas ruas e gritar “Viva Bolívar”, que o governo não tinha reais motivos para prendê-la e exilá-la, que sua luta visava favorecer os mais pobres, a Grã-Colômbia e a memória de Bolívar. Essas mulheres reconheceram o papel político, a influência e a liderança de Manuela. Os patriotas elaboraram uma carta, intitulada “A las señoras liberales”, que agradecia a anterior. No texto, eles afirmavam que Manuela era uma mulher honrada, uma libertadora que não merecia os processos e as perseguições sofridas, que todos deveriam ser gratos por sua atividade política e seu empenho no desenvolvimento da nação. Esses compartilhavam dos ideais bolivarianos e entendiam o projeto de construção da Grã-Colômbia, mostrando que Manuela era reconhecida como libertadora tanto entre as mulheres como entre os homens. Também por ser símbolo da independência e da Grã-Colômbia, além de ter grande influência social, seus inimigos a exilaram (López, 2008).

Durante sua trajetória para o exílio, Manuela foi tratada como prisioneira de crimes hediondos, sendo vigiada por muitos homens, devido ao medo de que a tentassem libertar. Primeiramente na Jamaica foi recebida por Maxwell Hiislop, que apoiava Bolívar, onde ficou por um tempo, até que, em 1835, decidiu voltar a Quito. Acusada de ir vingar o assassinato do seu irmão José Maria Sáenz, foi exilada novamente por Vicente Rocafuerte, que temia sua influência política e sublevações. Sua tentativa de ir ao Equador tinha o intuito de reivindicar uma herança materna (vender sua fazenda em Catahuango e arrecadar recursos), o que não conseguiu, passando o resto de seus dias vendendo tabaco e doces que ela mesma produzia como forma de arrecadar recursos. Manuela saiu do Equador em direção ao Peru num segundo momento. Em Paita, dedicou-se à leitura e a escrever cartas sobre esta nação e demais países bolivarianos, bem como a seu amigo Flores, relatando os acontecimentos e os comentários que faziam no Peru. Recebia outros exilados e visitantes, tais como: Giuseppe Garibaldi, revolucionário italiano que atuou em guerras de independência no Brasil; Simón Rodrigues, professor de Bolívar; os escritores Herman Melville e Gabriel Garcia Moreno, também presidente e ditador do Equador de 1859 a 1875. Ao general O’Leary envia uma grande quantidade de material que

ela guardava dos arquivos de Bolívar. Manuela viveu com suas companheiras Rosa e Jonatás, pois Nathán se casou e resolveu ficar na Jamaica. Morreu em 23 de novembro 1856, de uma epidemia de difteria, foi incinerada e enterrada junto de uma de suas escravas, que também padeceu dessa doença (López 2008).

Identificando-se como patriota, Manuela Sáenz lutou pela causa bolivariana e pela independência das colônias espanholas. Um de seus ideais era a construção de uma nação grande e única, constituída por vários povos, de culturas diferentes, que desafiasse o pensamento tradicional vigente, conforme pode ser assinalado em sua frase célebre, “Minha pátria é o continente Americano: nasci abaixo da linha do Equador”.⁷ Sem dúvida, sua atuação foi um enorme desafio por ser necessário compreender todo espaço social e territorial do que seria a Grã-Colômbia. Para ela, a nação seria integrada por todo o continente americano, com um só governo. Acreditava que para a realização da Grã-Colômbia era necessário criar um novo pensamento sobre a realidade. Compreendia que para a composição de uma nação livre, seu governo não deveria ter relacionamento de dependência com a metrópole, ou outro país de força política, militar e econômica desenvolvida, como os Estados Unidos. Por isso a Grã-Colômbia precisava ser independente e poder se governar de modo autônomo. O processo de sua construção exigiria o apoio das camadas populares e subalternas. Para isso, era preciso uma série de medidas, posições políticas e conhecimento das culturas. Manuela Sáenz confiava que essa nação seria uma república democrática, que respeitasse as diversidades.

Inmersa en esas discusiones Manuela mantubo por largo tiempo relaciones políticas muy cercanas con Sucre y Monteagudo, quienes proyectaron la viabilidad de una nación única, soberana e independiente de cualquier poder, lo que incluía a Estados Unidos y sus rapaces presidentes y plenipotenciários John Adams y Collingwood (Moura 2009: 86).

Era usual ela se reunir com os oficiais de Bolívar, para discutir assuntos relacionados aos combates bélicos e às estratégias políticas que deveriam orientar o futuro governo. Dedicou-se intensamente a combater as traições, que entendia como um problema de Estado e de políticas que prejudicariam o desenvolvimento e consolidação da Grã-Colômbia. Os principais pensadores e idealizadores da nação foram Bolívar, Manuela e Sucre. A participação ativa de Manuela nos problemas de vida pública lhe deu discernimento para compreender os momentos políticos que passou nas campanhas de independência, sabendo combinar táticas políticas e militares para a construção da Grã-Colômbia, projeto que compartilhou com Bolívar.

MITOS E DISPUTAS PELA MEMÓRIA

Manuela tinha muitos inimigos, os quais não acreditavam no projeto de república bolivariana e, por isso, a chamavam de estrangeira, para afastá-la do processo de independência e mantê-la no anonimato. Também não aceitavam que uma mulher fizesse parte do conselho maior da independência ou opinasse sobre esse assunto. Desta forma, repudiavam uma das pessoas que mais defenderam esse processo.

Lo que estaba en juego no era sólo la presidencia de la nación grancolombiana, sino todo el proyecto libertario de Bolívar y su Estado Mayor General compuesto por mariscales, generales, coroneles y una coronela: Manuela Sáenz. Luego de los primeros años de lucha contra las fuerzas realistas españolas, sobrevinola miope mirada de hombres con trayectorias poco brillantes que no tenían la capacidad de comprender el proyecto bolivariano que se resumía en la unidad de los pueblos liberados, en férrea mancomunidad; tal fue la idea ordenadora que guió la vida y la práctica política y militar de Bolívar, Sáenz y demás (Mora 2008: 91-92).

Esta personagem polêmica foi caluniada por sua participação na luta de independência, sua condição de mulher crioula e bastarda, sua defesa da república bolivariana e, ainda, por se separar do marido e ter um amante. Em contraponto, ocorreu processo inverso: sua exaltação como patriota e mulher guerreira. De maneira geral, a literatura aponta características próprias da esfera privada: enquanto uns a chamam de adúltera, outros a denominam a leal companheira de Bolívar, em uma dicotomia diabólica x angelical, moral *versus* imoral. Menos comuns são os textos que a ela se referem como uma pessoa interesseira ou, ao contrário, a seu papel de construtora da pátria.

Mas as discordâncias sobre a vida da personagem não se concentram somente nas questões mais pontuais. As interpretações sobre o caráter, eivadas de julgamentos sobre suas ações, são frequentes nos textos voltados a análise de sua trajetória. Referimo-nos tanto às detrações quanto à heroicização de sua figura. Ambas se fazem por meio de estereótipos e preconceitos construídos a seu respeito (Prado, Franco 2009: 199).

Antonio Cacia Prada (2012), Maria Ligia Coelho Prado e Stella Maris Scatena Franco (2009) argumentam que as controvérsias sobre essa personagem acontecem devido aos textos do francês Jean Baptiste Bousingault (1892), contemporâneo de Manuela Sáenz, que escreveu sobre ela em suas memórias. Porém, seus comentários não são confiáveis. Segundo o escritor, investigador e diplomata Carrera Damas (apud Prada 2012):

Todo el esfuerzo que hace Boussingault por acreditarse como un observador y crítico veraz se ve contrariado por su gusto por el chisme y su demostrada malicia.

A continuación agregó:

La Manuelita de Boussingault fue el gran y probablemente auténtico amor de Bolívar, que influyó fuertemente en él, licenciada, celosa agresiva, de rara hermosura, excéntrica pero fiel amiga, alegre irreverente, de méritos sobresalientes, en ocasiones una “ñapanga”, inculta como todas las mujeres de la América Hispana, desenfadada hasta la impudicia, de quien se sospechaba era lesbiana, valiente y serena ante el peligro, capaz de sacrificio personal por su amor, amiga consecuente y, en suma, de personalidad fascinante y ¿Amor imposible de un joven francés despechado que andaba en los veinte y se creía irresistiblemente atractivo? (Prada 2012: 13).

Existem episódios controversos sobre Manuela Sáenz, tais como a sua fuga do convento e o seu casamento com um médico ou comerciante inglês James Thorne. Isabel Valcárcel (2005) afirma que seu marido era comerciante, e Jenny Londoño López (2008) que sua fuga com o espanhol Fausto Delhuyar do convento jamais ocorreu. Estes acontecimentos são postos como críticas moralistas à personagem estudada, de modo a denegrir sua imagem, mas se tivessem de fato ocorrido, em nada teriam alterado as contribuições de Manuela pela luta de independência das colônias espanholas. Outra característica destacada era o fato de se vestir de oficial, mas também usar vestido. Ela também sabia cavalgar, esgrimir e atirar, qualidades notórias para participar das guerras anticoloniais. Nesse sentido, Manuela Sáenz lutou, matou, foi coronel, construindo um novo jeito de ser mulher.

Os fatos a seguir revelam a disputa pela figura simbólica de Manuela entre duas nações que eram parte da Grã-Colômbia e mostram a atualidade deste estudo. As pesquisadoras da Universidade de São Paulo, Maria Ligia Coelho Prado e Stella Maris Scatena Franco, em seu artigo “A participação das mulheres na independência da Nova Granada: gênero e construção de memórias nacionais”, comentam o reconhecimento pelo presidente do Equador, Rafael Correa, da figura de Manuela Sáenz no projeto da República Bolivariana. Em 24 de maio de 2007, ele conferiu à Manuela a patente de general, durante a comemoração dos 185 anos da batalha de Pichincha.

No mesmo artigo, apontam a tentativa feita pelo governo venezuelano, em 2006, de comprar os acervos do museu particular do empresário e historiador Carlos Alvarez Súa, em Quito. Nesse período, Hugo Chávez era o presidente e desejava adquirir 700 peças por 15 milhões

de dólares.⁸ Caso o acordo se concretizasse, as peças não poderiam ser trasladadas à Venezuela por força da lei de patrimônio e cultura do Equador.

No entanto, Manuela teve um comportamento não esperado em seu período histórico, ao criticar a sociedade através de suas ações. Primeiramente, lutou no Peru, junto do general San Martín, praticando atos de espionagem e organizando tropas. Esses conflitos resultaram na formação de novos países, tornando-se o Alto Peru no atual Peru e o Baixo Peru na atual Bolívia. Na Grã-Colômbia, suas contribuições vão desde pensar o espaço territorial desta nação, como, por exemplo, em suas orientações a Bolívar sobre como proceder em relação ao porto de Guayaquil, passando por atividades de agitação e propaganda, até tomar parte em combates empunhando armas e cuidando de soldados feridos. Separou-se do marido em uma época que nem existia divórcio e optou por ter uma carreira política e militar.

Pero Manuela fue mucho más que la compañera de vida y lucha de Simón Bolívar e incluso más que una heroína de la independencia, con todo lo grande que nos pueda parecer ese calificativo. En medio de una sociedad pacata y segregacionista, que marginaba a las mujeres del ejercicio de la vida pública y las confinaba a la monotonía de la vida doméstica o al ascetismo conventual, ella fue también una activa libre pensadora, una abanderada de la libertad personal y del amor libre de prejuicios, que desafío las convenciones de su tiempo y mostro una cabal rebeldía hacia los roles sociales impuestos por aquella sociedade patriarcal (Caucu Prada 2012: 19).

Antes mesmo de conhecer Bolívar, Manuela já participava das lutas de independência, o que era contra a vontade de seu marido. Por isso o deixou e se dirigiu a Quito para reclamar a herança materna. Apesar de seu envolvimento com Bolívar, seu marido queria que ela voltasse a ser sua esposa. Então, ela lhe escreveu dizendo: “Eu sei muito bem que nada pode me unir a ele baixo os auspícios do que o Senhor chama honra. Acredita o Senhor que sou menos honrada por ser ele meu amante e não meu marido? Ah! Eu não vivo das preocupações sociais inventadas para nos atormentar mutuamente”⁹ (López 2008: 75). Nesse trecho da carta ela afirma sua posição contra as hipocrisias da sociedade, questionando o que é ser honrado(a) e esclarecendo que não se preocupa com o que a sociedade pensa do seu comportamento fora do padrão. Assim, apesar da educação patriarcal a que foi submetida na família e no convento, Manuela Sáenz tinha um jeito diferente de ser mulher, em parte, devido ao seu protagonismo na independência das colônias espanholas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel destacado de Manuela Sáenz nas independências da América do Sul, em particular na construção da Grã-Colômbia, é inegável: formulou estratégias de batalha, organizou e cuidou de documentos importantes, difundiu os ideais de liberdade, obteve informações sobre as atividades realizadas pelos colonizadores, combateu traições ao projeto bolivariano, comandou exércitos, cuidou de soldados feridos, passou avisos aos patriotas sobre as ações das tropas realistas, fez agitação e propaganda das ideias revolucionárias, enfim, contribuiu de várias maneiras para derrotar a dominação dos espanhóis e conquistar a independência da Grã Colômbia.

Manuela foi uma mulher revolucionária por sua dedicação, capacidade de liderança e de organização militar, principalmente por desafiar a tradição de sua época, por ousar impor sua presença como mulher no mundo tido tradicionalmente como dos homens, por ser uma das primeiras a pensar uma América do Sul unida em uma só nação independente da Metrópole, com um Estado que servisse aos indivíduos que nele moravam, por não ter medo de arriscar sua vida para lutar pelo que acreditava. No decorrer de sua trajetória, Manuela ultrapassa não só as dificuldades proporcionadas pela luta, mas também as que a sociedade impunha por ser mulher, crioula e bastarda.

Evidenciamos neste artigo que as qualidades de Manuela não são meros elogios, mas frutos da trajetória de uma mulher que precisou vencer preconceitos de todo tipo. Com o passar do tempo cresce sua importância como combatente no período das guerras anticolônias. Já naquela época, sua atuação foi reconhecida como mostram as patentes militares que recebeu e os fatos que, aos poucos, a história está revelando.

É notório que a luta das mulheres para sair das margens da sociedade vem de longe; que estas colocam que são mais que objetos ou enfeites, são seres humanas aptas a realizar atividades econômicas, políticas e sociais em igualdade de condições com os homens. Apesar de o machismo existir, não pode manter ocultos os valores, as capacidades das mulheres. Em especial, não esqueçamos que somos o que somos hoje por que houve um antes. Que Manuela Sáenz inspire a todas em sua luta cotidiana.

REFERÊNCIAS

Aldana, M. C. R. 2000. Análisis de la instancia ideológica em el conocimiento histórico adquirido. Estudio de un caso: Manuela Sáenz. *Revista del departamento de historia y geografía*, 4 (8), 45-63, sep.

Anderson, B. R. 2008. *Comunidade imaginada: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Echeverri, A. 1996. Manuela Sáenz. In: Echeverri, M., Aquiles. Bolívar y sus treinta y cinco y mas mujeres. Medellín: Editorial EAFIT, 137-213.

Franco, S. M. S., Prado, M. L. C. 2009. A participação das mulheres na independência da Nova Granada: gênero e construção de memórias nacionais. In: Pamplona, M. A., Mäder, M. E. (Org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Nova Granada, Venezuela e Cuba*. Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 171-236.

López, J. L. 2008. Manuela Sáenz: 'mi patria es el continente de la América'. *Cuadernos Americanos*, 3 (125), 67-85, jul./sep.

Marx, K. 1983. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Mora, C. M. 2009. Manuela Sáenz: la insurrección, la nación y la pátria. *Cuadernos Americanos*, 1 (127), 81-98, jan./mar.

Morales, A. J. 2005. *Manuelita Sáenz Amante de la libertad*. Bogotá: Panamericana Editorial.

Prada, A. C. 2012. *Manuela Sáenz. Generala de América*. Bogotá: Ediciones Aurora.

Saá, C. Á. 1995. Manuela Sáenz: figura cimera de la nacionalidade equatoriana. Historia y espacio en el Ecuador. *Memorias del V Congreso Nacional de Historia e Geografía dela casa dela cultura equatoriana "Benjamin Carrion"*, jul, 161-171.

_____. 2008. *Manuela sus diários perdidos y outros papeles*. Quito-Ecuador: Museo Manuela Sáenz.

Saffioti, H. I. B. 2004. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Souza, C. W. B. de. 2007. *Grã-colômbia: O sonho de Bolívar*. 2007. Monografia. Universidade Estadual do Ceará.

Taxin, A. 1999. La Participación de la mujer en la Independencia: el caso de Manuela Sáenz. *Revista Equatoriana de Historia*, 14, 85-111, jul./dez.

Valcárcel, I. 2005. Manuela Sáenz: amor, pátria, libertad. In: Valcárcel, I. *Mujeres de armas tomar*. Madrid: Algaba, 105-127.

NOTAS

1. Este texto foi elaborado a partir da monografia de Emanuella Soares para o bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob orientação da Prof. Dra. Mônica Dias Martins, sendo aprovada em agosto de 2015 pela banca composta pelo Prof. Dr. Marco Antônio Villela Pamplona da PUC- Rio de Janeiro, historiador especialista em nacionalismos e independências nas Américas, e pela Prof. Dra. Maria Helena Frota da UECE, especialista em estudos de gênero.
2. A Grã-Colômbia (1819-1830) era uma república composta por Colômbia, Equador, Panamá e Venezuela.
3. Ver Saá (2008: 46-48).
4. No original: “No espero que me paguen; pero si este es el precio de la libertad, bien poco ha sido” (Valcárcel 2005: 110).
5. No original: “que mueran diez para salvar diez mil” (Mora 2009: 95).
6. No original: “para que mi permanencia no sea un impedimento a la felicidad de mis conciudadanos” (López 2008: 78-79).
7. No original: “Mi pátria es el continente de la América: he nacido bajo la línea del Equador” (López 2008: 83).
8. O governo Hugo Chávez queria os artefatos de Manuela Sáenz que, além de companheira de Bolívar, ajudou na expulsão dos colonizadores espanhóis. Para saber mais ver artigo de Franco e Prado (2009: 171-236).
9. No original: “Yo sé muy bien que nada puede unirme a él bajo los auspicios de lo que usted llama honor. ¿Me cree usted menos honrada por ser él mi amante y no mi marido? ¡ Ah! Yo no vivo de las preocupaciones sociales inventadas para atormentarnos mutuamente” (López 2008: 75).

ATUAÇÃO DE MANUELA SÁENZ NA GUERRA DE LIBERTAÇÃO
DA GRÃ-COLÔMBIA NO SÉCULO XIX

RESUMO

Manuela Sáenz teve atuação destacada nas lutas de libertação do Peru e Grã-Colômbia, mas, assim como outras mulheres, foi silenciada pela desigualdade de gênero. Este estudo é fruto de pesquisas bibliográficas e consultas a documentos históricos e romances. Apesar do patriarcalismo ainda vigente, as mulheres vêm assumindo um papel significativo na vida política e militar sul-americana.

Palavras-chave: Mulher; Política; Guerra de Independência; América do Sul.

ABSTRACT

Manuela Sáenz had an outstanding performance in the liberation wars of Peru and Gran Colombia, but, like other women, was silenced by gender inequality. This study is the result of bibliographic research and consultations with historical documents and novels. Despite the still prevailing patriarchy, women are assuming a significant role in political life and South American military.

Keywords: Women; Political Struggle; Liberation Wars; South America.